



## **Juventude Rural em Tempo de Redes Sociais<sup>1</sup>**

Maria Salett TAUKE SANTOS<sup>2</sup>

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

### **Resumo**

O avanço tecnológico materializado nos atributos de mobilidade, portabilidade e acessibilidade dos dispositivos digitais viabilizam o funcionamento das redes sociais, responsáveis pelo engendramento e a consolidação da cibercultura, que pressupõe novas sociabilidades, novas sensibilidades, novas formas de ação política, entretanto, não se dá de forma linear e igualitária para todos. O acesso às redes sociais depende, pelo menos, do acesso aos dispositivos e suas normas de funcionamento, além da capacidade para a constante atualização desses dispositivos. Sabe-se, no entanto, que a convergência midiática tem contribuído para favorecer e tornar menos desigual o acesso às redes sociais por parte das populações de contextos populares. O objetivo deste texto é analisar as apropriações das redes sociais pelos jovens de contextos rurais desfavorecidos e a repercussão nas comunidades onde vivem.

**Palavras-chave:** cibercultura; juventude rural; redes sociais.

### **Texto do Trabalho**

O avanço tecnológico materializado nos atributos de mobilidade, portabilidade e acessibilidade dos dispositivos digitais viabilizam o funcionamento das redes sociais, responsáveis pelo engendramento e a consolidação da cibercultura, que pressupõe novas sociabilidades, novas formas de ação política, nova cidadania, novas formas de estar no mundo. Transitar no universo da cibercultura, entretanto, não se dá de forma linear nem igualitária para todos. Tal preocupação está no centro do debate sobre inclusão digital

---

<sup>1</sup> Texto submetido ao GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 02 a 06 de setembro de 2011.

<sup>2</sup> Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE. Coordenadora do GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom.



que tem nas ideias de Pierre Levy (1995) os argumentos favoráveis no sentido de que a internet possibilita o desenvolvimento de uma inteligência coletiva que permite desconcentrar poderes, favorecendo a participação dos indivíduos. Contrapondo-se à ideia de Levy, Dominique Wolton (2007) argumenta que não se pode supor que a inovação técnica, sempre mais rápida que a inovação cultural, seja capaz de modificar o estado geral da sociedade.

O cenário da luta contra o *apartheid* tecnológico e pelo enfrentamento da pobreza e exclusão social conduziu amplos setores governamentais e não governamentais a implementarem centenas de projetos de inclusão digital no Brasil. O objetivo explícito desses programas de inclusão digital está voltado à superação da exclusão social, materializada no analfabetismo, na desnutrição e na violência prevalentes nos contextos populares de pobreza. Na prática, esses programas vem sofrendo críticas, como assinala Alvarez (2005) no sentido de que a maioria deles é focado na simples oferta de computadores e internet à população pobre, sem que se garanta a essas pessoas a aquisição do conhecimento necessário à transformação social.

A partir desses pressupostos teóricos o grupo de pesquisa Comunicação, Culturas Populares e Cibercultura do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local desenvolve desde 2006 pesquisas empíricas no campo da inclusão digital. O objeto de estudo são os jovens de contextos populares. Na primeira fase (2006-2008) a pesquisa privilegiou os usos das tecnologias da informação e Comunicação *off line* e *on line* entre os egressos de programas de inclusão digital em Pernambuco (TAUK SANTOS, 2009).

Em 2010 iniciou-se a segunda fase da pesquisa com uma proposta mais refinada: analisar as apropriações das redes sociais pelos jovens de contextos populares rurais. A preocupação com a inclusão social permanece. Mas agora partimos do pressuposto de que se de um lado o acesso às redes sociais depende do acesso aos dispositivos e suas normas de funcionamento, além da capacidade para a constante atualização desses dispositivos, por outro lado há indícios de que a convergência midiática tem contribuído para favorecer e tornar menos desigual o acesso às redes sociais por parte das populações de contextos populares.

Nessa perspectiva o objetivo deste texto é analisar as apropriações das redes sociais, presenciais e virtuais, pelos jovens de contextos populares rurais a partir dos



resultados de duas pesquisas empíricas. Uma com jovens alunos do ensino médio no município de São João, no Agreste de Pernambuco; e a outra envolvendo jovens da comunidade de Barra do Riachão, no município São Joaquim do Monte da Zona Mata de Pernambuco.

## **Juventude e Redes Sociais**

Por que priorizar a juventude quando a preocupação é a inclusão digital para a inclusão social? Os argumentos vem de Jesus Martin-Barbero em entrevista concedida a TUFTE (2010) quando afirma que os jovens de hoje experimentam parte da singularidade de ser jovem hoje. Pela primeira vez na história, a juventude, transformou-se em ator social e agente de mudança:

“Os jovens não são uma juventude qualquer porque são os que experimentam a mudança da época em seu próprio corpo (...) temos dúvidas e incertezas que não encontram correspondência na incerteza dos nossos filhos; são outras de outro calibre, de outro tipo (...). Recebemos todas as doutrinas que quisermos e eles não tem nada que se pareça com isso, nem do ponto de vista religioso nem do filosófico, nem político” (Martin-Barbero apud TUFTE, 2010p. 67).

Referindo-se às observações de Martin-Barbero, TUFTE chama atenção para o fato de a juventude atual “ter encontrado um espaço para si mesma na qualidade de ator social, negociando ativamente suas próprias vidas em uma realidade global e ao mesmo tempo, vivendo esta oportunidade em uma época de mudanças radicais” (TUFTE, 2010, p.67).

Exemplos do novo papel da juventude como ator social nos processos de mudança podem ser observados na mobilização dos jovens no oriente médio, que na luta pela falta de emprego e de oportunidades de trabalho, contra a corrupção de governos comandados por ditadores vitalícios e o desejo de liberdade, desencadeiam uma luta pelas redes sociais, *Facebook* e *Twitter* (GICLIO, 2011). Luta esta que levou um milhão de pessoas à Praça Tahir no Cairo e que culminou com a renúncia do ditador Mohamed Mubarak, há 30 anos do poder.

No Brasil a combinação juventude, tecnologia e redes sociais está produzindo mudanças sem paralelo. Os jovens de contextos populares com mais acesso à educação e conectados tornaram-se os formadores de opinião da família como, ressalta AGGEGE (2011): “para os jovens três fatores aumentaram seu poder de opinião sobre a família e



suas comunidades: emprego, estudos e o que eles chamam de ‘nova bomba do mundo’, a tecnologia”. A autora ilustra o novo cenário a partir da declaração de uma jovem de 21 anos entrevistada: “temos computadores e celulares, nossas famílias agora tem mais acesso à informação. A gente vê as notícias, compara na internet e conta para eles” (AGGEGE, 2011).

Diferentemente do que acontecia com a juventude no passado cujos manifestos eram de protestos ou no máximo reivindicatórios, a juventude do presente vai além e assume um papel propositivo. Na ausência de intervenções do Estado, os jovens tem se articulado e participam das redes sociais. Nesses casos as redes assumem uma forma de articulação solidária de indivíduos que possuem identificações identitárias e possui um potencial importante de ativar capacidades individuais e coletivas.

A rede, como analisa Dias, “como qualquer outra invenção humana é uma construção social. Indivíduos, grupos, instituições ou firmas desenvolvem estratégias de toda ordem (políticas sociais, econômicas e territoriais) e se organizam em rede. A rede não constitui o sujeito da ação, mas expressa ou define a escaladas ações sociais” (DIAS, 2007 p.23).

Para Delgado (2002) as redes surgem contrapondo-se aos modelos hierárquicos e piramidais possibilitando as relações horizontais entre seus membros:

“a organização em rede tem definida como um modelo que enfatiza mais as relações horizontais dos membros diferentemente de outros modelos como o hierárquico piramidal pressupõe que os vínculos interpessoais e coletivos seguem a rota estabelecida pela hierarquia da organização, instituição ou grupo” (DELGADO et al 2002, p.328).

Diante de todo esse potencial emancipatório das redes sociais há que se considerar que os contextos populares como assinala TAUKE SANTOS (2009) constituem cenários onde predominam populações que vivem em condições desfavoráveis e de desigualdades, do ponto de vista social, político e econômico, em relação ao acesso e a apropriação das riquezas do mundo. Para a autora “a principal característica dos contextos populares é a contingência, ou seja, o acesso aos bens materiais e imateriais se dá de forma incompleta desigual desvinculada” (TAUKE SANTOS, 2006 p. 130-131).

É num cenário de contingência e desigualdade que fomos buscar os sentidos que as redes sociais assumem e as apropriações que jovens desses contextos fazem das



tecnologias digitais de informação e comunicação. Nos contextos populares as redes sociais costumam assumir formas movimentalistas, ou seja, experiências de articulação de grupos sociais mais ou menos organizados. Scherer-Warren afirma que tais coletivos em geral assumem formas de solidariedade ou estratégias de instrumentalização de alguns movimentos que se conectam através de identificações sociais, éticas, culturais e político- ideológicos. (SCHERER-WARREN, 2007)

Scherer-Warren classifica as redes sociais em presenciais e virtuais:

“As redes sociais interindividuais ou coletivas caracterizam-se por serem presenciais, em espaços contíguos, criando territórios no sentido tradicional do termo, isto é, geograficamente delimitados; enquanto, isso, as redes virtuais, resultantes do ciberativismo, são intencionais, transcendem as fronteiras espaciais das redes presenciais criando, portanto territórios virtuais cujas configurações se definem pelas adesões por uma causa ou por afinidades políticas, culturais e ideológicas. Todavia elas poderão vir a ter impacto sobre as redes presenciais e vice-versa numa constante dialética entre o local e o global...

(SCHERER-WARREN, 2007, p.39)

## **A Pesquisa**

A pesquisa no âmbito do Núcleo de Pesquisa “Comunicação, tecnologia e Culturas Populares” está voltada ao estudo de como agem as culturas populares contemporâneas em tempo de cibercultura. Partimos da compreensão de que as culturas populares vivem em situação contingente e desigual em relação ao produto das riquezas do mundo. No passado observamos como essas culturas se apropriavam do consumo e da cultura de massa e agora queremos saber como atuam e como reconvertem seus códigos, os códigos da sua cultura, nos códigos de uma cultura que tem como elementos fortes a virtualidade e a desmaterialização da realidade.

Na perspectiva da compreensão das culturas populares no engendramento da cibercultura desenvolvemos a pesquisa *Inclusão digital, inclusão social?* Voltada à análise dos usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares, pelos jovens egressos de programas de inclusão digital, governamentais e não governamentais. A pesquisa evidenciou que apenas o treinamento na informática não tem sido capaz de garantir o acesso desses jovens ao mercado de trabalho. Falta formação que permita uma profissionalização, pois não basta o controle das esferas virtuais. É necessário garantir aos jovens o controle das esferas reais, da aquisição de



competências profissionais e políticas para atuar no mundo (TAUK SANTOS, 2009). Nesse sentido Martin-Barbero afirma que a tecnologia é moldada e mediada pelas tendências sociais, tanto em relação à emancipação quanto as que se destinam à exclusão. Para o autor, é a sociedade estruturalmente excludente que neutraliza as possibilidades de inclusão, fazendo da tecnologia um meio de agravamento da desigualdade social. Assim, “não é a tecnologia que cria a desigualdade, a tecnologia reforça a exclusão que a própria sociedade gera em suas relações, que agem no sentido de manter o poder e o saber concentrados e de reproduzir a submissão” (MARTIN-BARBERO, 2008, p.24).

Na perspectiva de avançar na compreensão dos usos das Tics pelos jovens de contextos populares desenvolvemos a pesquisa *Juventude e Cibercultura* sobre os usos das mídias sociais pelos alunos de escolas públicas no município de São João, no Agreste de Pernambuco. Os resultados do estudo suscitaram uma nova questão: até que ponto as apropriações das redes sociais ajudariam os jovens a tornarem-se cidadãos com inserção e poder de atuação nas esferas reais das suas comunidades?

Na tentativa de responder essa questão é que partimos para uma análise das apropriações das redes sociais materiais e virtuais em uma situação de maior complexidade. Saímos do âmbito circunscrito da escola e fomos observar os jovens na esfera mais ampla da comunidade onde vivem. É nesse sentido que a pesquisa analisa os usos que fazem os jovens das redes sociais, materiais e virtuais, nas comunidades de Barra do Riachão e de São João.

A pesquisa utiliza técnicas combinadas de coleta de dados como pesquisa bibliográfica sobre os temas redes sociais, culturas populares e juventude. Além disso, foram elaborados roteiros de entrevista semi- estruturada para aplicação aos jovens das duas comunidades em estudo, compostos de quatro blocos. O primeiro bloco destinava-se à identificação do entrevistado; o segundo era voltado ao cotidiano de trabalho e participação política do entrevistado; o terceiro bloco trazia questões sobre as apropriações das redes sociais, materiais e virtuais, e usos dos meios de comunicação pelo entrevistado; e o quarto bloco voltava-se às aspirações dos jovens pesquisados para o futuro.

No caso de Barra do Riachão foi utilizado um segundo roteiro para entrevistar representantes de organizações que fazem parte das redes materiais das quais os jovens



participam. O ponto de partida das entrevistas foi a Associação dos Pequenos agricultores do Sítio Batente, identificada como uma espécie de rede central em Barra do Riachão. Trata-se de uma associação que funciona como espaço de participação popular com grande inserção na comunidade. A partir dela foi possível selecionar uma amostra intencional de 5 jovens para as entrevistas.

Os critérios para a seleção dos jovens entrevistados foram: ter entre 15 e 29 anos, ser membro de Associação e participar ativamente de suas atividades produtivas. Foi a partir desses jovens que identificamos as redes que atuam na comunidade. Este roteiro continha questões sobre as atividades desenvolvidas pela Associação, os principais parceiros; as organizações governamentais e não governamentais que fazem parte da rede; os meios de comunicação que utilizam e como se dá a participação dos membros na rede.

### **Jovens e Redes Sociais Presenciais em Barra do Riachão**

Barra do Riachão é o que apresenta a mais expressiva experiência de participação em redes sociais materiais. A localidade integra a Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis com o objetivo de promover uma maior interação nos municípios entre poder público e sociedade civil, a fim de melhorar os indicadores de desenvolvimento social que em algumas localidades no Nordeste do Brasil são baixos. A articulação dos municípios é realizada pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) através do Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social NUSP), pela Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado- SEPLAG/Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco- CONDEPE/FIDEM e pela Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA).

A participação na Rede Pernambucana de Municípios Saudáveis possibilitou a criação de um grupo de artesãs, o Arte Calango, o qual foi responsável por uma nova função da confecção de redes de pesca, atividade historicamente produzida pelas mulheres. Utilizando o mesmo ponto de costura, as jovens passaram a produzir blusas, echarpes e outras peças de moda, que ganharam expressão estadual. Materiais de divulgação em sites de parcerias, folders, etc, passaram a dar suporte à diversificação da atividade local.



As poucas iniciativas governamentais de melhoria da qualidade de vida fizeram que, em maior ou menor grau, as populações locais se organizassem em rede para ora captar apoios e recursos para realizar atividades em prol do desenvolvimento local; ora para articular esforços endógenos de promoção dos capitais humano e social na comunidade. Em Barra do Riachão, a população não tem acesso à internet- por falta de políticas de inclusão digital, mas também por falta de suportes tecnológicos: não há cabos que permitam a conexão com a rede Web. Os jovens recorrem prioritariamente a estratégias presenciais, como reuniões, para a articulação comunitária e produtiva.

Nesse contexto, as redes materiais se apresentam como potencializadoras para melhorar a comunicação; possibilitar o empoderamento dos sujeitos e ampliar o raio de intervenção criativa sobre o real. Este processo, no entanto, não é isento de conflitos. Isto porque estamos tratando de sociedades plurais. Na atualidade, as populações rurais, destacadamente os jovens, tendem a ser cosmopolitas e multiculturais. Segundo Martin-Barbero, “dois processos estão transformando radicalmente o lugar da cultura em nossas sociedades: a revitalização das identidades e a revolução das tecnicidades” (MARTIN BARBERO, 2006, p.54).

### **Aspirações para o Futuro**

Fazer parte da associação, atuar em uma rede, da qual participam igualmente atores de organizações governamentais e não governamentais; produzir artefatos de moda não constituem ainda razão suficiente para que as jovens mulheres de Riachão se sintam empoderadas. Elas aspiram uma mudança em suas vidas. Esperam mais apoio para o trabalho; melhor recompensa financeira, melhorias em suas vidas e na comunidade:

“O nosso trabalho não é muito reconhecido em Riachão. Aqui as pessoas não valorizam o que é nosso. Tudo que produzimos é vendido lá fora. O desejo do grupo, é criar desenvolvimento para a comum idade de Riachão, que através das nossas peças de artesanato por meio do trabalho da associação, venha a dar visibilidade à comunidade ,trazendo pessoas e o turismo”;

“... com o apoio do grupo da universidade, acho que estamos indo no caminho certo. É preciso ser mais reforçado o apoio que recebemos para o desenvolvimento da atividade”.(Jovem entrevistada)



## **Jovens e Redes Sociais Virtuais em São João**

Na população em estudo, 20 alunos do ensino médio das áreas rurais em São João-PE, observa-se que os jovens entrevistados moram com os pais e irmãos. Vivem uma rotina familiar, em casa e fora de casa, controlados pela autoridade dos pais. Pela manhã quando levantam fazem a primeira refeição juntos: cuscuz de milho, a canjica, a pamonha, o mungunzá. Pão, “só na segunda que é dia de feira”. A comida é preparada pelas mulheres, mães e filhas, da família, que também desenvolvem trabalhos na agricultura. A família trabalha a manhã inteira entre o roçado e o trato dos animais. Às 11 da manhã voltam para casa. Novamente a família, reunida para o almoço, consome o feijão, o arroz, o macarrão, a farinha e a “misturinha”. É assim que chamam algum tipo de carne, boi, porco ou galinha, que esteja disponível “para misturar” à refeição.

À tarde, alguns voltam ainda para o roçado, outros vão para a Escola, que fica na cidade sede do município a 12 km do sítio onde moram. Alguns trabalham o dia todo na agricultura e estudam no turno da noite. O percurso de ida e volta à escola é feito no ônibus escolar da Prefeitura, que na realidade trata-se de um caminhão adaptado aos moldes dos paus-de-arara.

Os jovens da agricultura familiar, de ambos os sexos, costumam trabalhar ajudando os pais no roçado, cuidando dos bichos ou nas tarefas caseiras. Muitos reclamam do cansaço por ter que trabalhar no “pesado” e estudar ao mesmo tempo. Em geral não se acham recompensados pelos serviços que prestam aos pais, como pode ser observado nos depoimentos dos entrevistados:

“pai não reconhece o que faço, não agradece o que a gente trabalha. Reclama que já tenho 23 anos e ainda estou em casa”.

“pai paga ao meu irmão que é casado pelo serviço que ele faz no roçado. Eu trabalho também, mas ele não me paga nada”.

A renda dessas famílias provém da venda da produção do feijão preto, branco e carioca, da mandioca para fazer a farinha e do milho. Além disso, contam com o auxílio do Programa Bolsa Família, do Governo Federal, ou de aposentadorias dos mais velhos. Costumam comprar roupas e sapatos na feira ou em lojas na sede do município, acompanhados pelos pais, “mas cada um escolhe o seu”. As famílias não utilizam cartões de crédito, mas compram pelo sistema de crediário.



## **Consumo Cultural**

Os jovens alunos, do ensino médio das escolas rurais, entrevistados declararam que costumam ler livros que tiram na biblioteca da escola. A escolha é feita por eles próprios, pois “a escola estimula a leitura, mas não diz que livro ler”. As preferências variam dos romances a livros de autoajuda. Outras leituras: leem às vezes, algum jornal da grande imprensa diária, ”jornais passados”, que encontra na biblioteca da escola, ou quando tomam emprestados da cidade.

Raramente leem revistas. Alguns deles, entretanto, apreciam a leitura dos quadrinhos, como A Turma da Mônica. Em geral esses jovens nunca tiveram oportunidade de ir ao cinema. Mas gostam de ver filmes na televisão ou quando “a professora passa um DVD na escola, como o filme Helena de Tróia”. Também na televisão costumam ver noticiário, novela e o “Globo Rural”.

Gostam de ouvir rádio. Costumam ouvir a FM Marano, emissora da cidade mais desenvolvida da região, que é Garanhuns. O acesso se dá por receptores convencionais ou através dos telefones celulares.

Telefones celulares é o grande sonho de consumo desses jovens, competindo com o computador doméstico. Talvez pela possibilidade de conectar-se e estabelecer relação com um mundo que parece ainda distante, considerando que saem pouco de casa “porque os pais não deixam”. Sobretudo as meninas são impedidas de sair sozinhas com o namorado: “só se os irmãos forem juntos”.

Raramente esses jovens têm oportunidade de viajar, “porque a família não tem dinheiro”. Assistem a algum show, quando a prefeitura da cidade patrocina, por ocasião da festa do santo padroeiro, São João, que dá nome ao município onde vivem. Torcem geralmente pelos times do sudeste do país. Os preferidos são o Palmeiras, o Corinthians ou o Flamengo. O motivo da preferência está associado à influência que recebem dos parentes que migraram para o Rio de Janeiro e São Paulo.

O grande sonho desses jovens, entretanto, está ligado aos usos da internet. Nas escolas onde estudam, esses sonhos enfrentam as contingências, peculiares aos contextos populares: a escola tem computadores, mas não estão ligados à Internet; ou a escola dispõe de computadores ligados à Internet, mas eles não têm acesso aos



computadores, como afirma uma jovem entrevistada: “a escola tem 10 a 15 computadores e estão parados.

Na escola tal contingência, combinada à limitação econômica, que os impossibilitam de possuir um computador doméstico, coloca esses jovens diante de uma única alternativa: ir à procura dos *Ciber Cafés* e das *Lan Houses*. O estudante que não tem ainda muita prática em acessar a internet “paga um real a hora e pede para alguém entrar no Google e faz pesquisa para a escola”, afirma um entrevistado.

O computador torna-se assim o grande suporte com que esses jovens contam para auxiliar nos trabalhos da escola. É nas *Lan Houses* e nos *Cibers Cafés*, do centro da cidade, onde os jovens aprendem a utilizar a internet, pagando 1 real por hora de uso. Costumam frequentar esses espaços, duas ou três vezes por semana.

### **Usos das Redes Sociais**

Além das buscas no Google à procura de sites para realização das pesquisas escolares, o Orkut é a rede preferida pelos jovens rurais entrevistados: “para falar com os amigos”; “enviar fotos”. Alguns chegam a declarar que preferem muito mais conversar pelo MSN, do que pessoalmente: “porque fico mais destravada”.

Outros entrevistados costumam acessar os blogs: “acesso o blog do Palmeiras, pra saber as notícias do meu time”. Ou blogs que falem dos jogadores de futebol: “pois procuro me espelhar nos jogadores do Brasil e de fora para ficar na moda”. Alguns entrevistados declararam ainda gostar de baixar vídeos no Youtube.

Sobre as aspirações para usos futuros da rede de computadores os jovens declararam: “gostaria de ter um computador em casa”; “tenho vontade de colocar a minha foto na internet”; “desejo uma Webcam para falar com a namorada”; “tirar foto na Web para enviar pros amigos”; “aprender a baixar vídeos”; “entrar na comunidade de bichos e de forró no Orkut”; “ter meu próprio blog”.



## Referências

AGGEGE, Soraya. O poder da maioria. In: **Revista Carta Capital**, São Paulo: 4 de maio de 2011 ano XVI nº 644 p. 18-22.

DIAS, Leila Christina. Os sentidos da rede: notas para uma discussão. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (org.) **Redes, sociedades e territórios**. 2ª Ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p.11-28.

DELGADO, Martha Alejandro. Las redes: una actitud de diálogo y compromiso. In: PERUZZO, Cicília K; COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel (orgs). **Comunicação e movimentos populares: quais redes? Comunicación y movimientos populares: ¿cuáles redes?** São Leopoldo: Ed. UNISINOS; La Habana: Centro Memorial Dr. Martin Luther King Jr. Montevideo: Ciências de la comunicación. Universidade de La república: 2002 p. 109-130.

GIGLIO, MIKE. The Facebook freedom fighter. In: **Revista Newsweek**, fevereiro, 21, 2011, p. 22-25.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Desenvolvimento Rural. In: **Políticas Sociais - Acompanhamento e Análise**. Março de 2008. Disponível em [www.ipea.gov.br](http://www.ipea.gov.br) Acesso em: 09 mar. 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesus. A Mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: **Culturas juvenis no século XXI**. (Organização: Silvia H. S. Borelli e João Freire Filho). São Paulo: Educ, 2008.

SHERER-WARREN, Ilse. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (ORG). **Redes, sociedades e territórios**. 2.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p. 29 – 50.

TAUK SANTOS, M. Salett. **Inclusão digital, Inclusão Social? Usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares**. Recife: Edições Bagaço, 2009.

TAUK SANTOS, M. Salett e LIMA, M. Conceição Dias. Desafios cooperativos e estratégias de comunicação das incubadoras tecnológicas cooperativas populares. In: **Revista Unircoop**. Vol.4, nº 1. Outubro de 2006.



TUFTE, Thomas. Juventude, Comunicação e mudança social: negociação da vida de jovens em uma realidade global. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação INTERCOM** v. 33, nº 2 jul./dez. 2010. São Paulo: INTERCOM 2010 p. 51-72.

WOLTON, Dominique. **Internet e depois? Uma teoria crítica das novas mídias/** Dominique Wolton: trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina – 2ª ed., 2007.